

## A Educação e a Produção Científica Brasileira

A CAPES lançou recentemente, durante a 65ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), dia 23 de julho, o livro "A pós-graduação e a evolução da produção científica brasileira", de autoria de Elenara Chaves Edler Almeida e Jorge Almeida Guimarães, atual presidente da CAPES.

O livro é fruto da tese de doutorado defendida por Elenara Almeida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciência: Química da Vida e Saúde, do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O conteúdo da obra foi organizado em três capítulos, "1. A comunicação científica e o desenvolvimento da ciência"; "2. Pós-graduação no Brasil: o caso da Capes"; "3. O Portal de Periódicos da Capes". A apresentação do livro foi feita por Abilio Afonso Baeta Neves, que presidiu a Capes de 1995 a 2003, período da criação do Portal de Periódicos. O livro analisa a produção científica nacional, sendo que no momento o país conta com cerca de 28 mil grupos de pesquisa com 129 mil pesquisadores trabalhando em 452 instituições. A produção de ciência passa por um período de crescimento notável, exponencial mesmo, de publicações de artigos e projetos de pesquisa, acompanhado pelo aumento da oferta de programas de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado). A publicação do referido livro sedimenta a percepção de que a Ciência Brasileira continua avançando mais rapidamente que a média mundial, garantindo que a posição do nosso país venha crescendo em comparação com outros países.

O grande questionamento colocado atualmente pela comunidade científica, por gestores públicos, empresários e estudiosos tem sido a desconexão entre Ciência e inovação. A produção científica brasileira tem avançado, mas o registro de patentes de inovações de produtos e processos continua muito baixo, quase inexistente se comparados a outros países com tradição científica. Além da necessidade de fazer reverberar no mundo da produção econômica e das políticas públicas o avanço científico e acadêmico brasileiro, também é essencial potencializar o avanço da produção da pesquisa acadêmica na Educação Básica também.

A própria CAPES desde 2008 abarca as funções de cuidar da pós-graduação stricto sensu e da formação de professores da Educação Básica. A CAPES hoje coordena o Programa de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), nas modalidades presencial e a distância, que no seu lançamento em 2009 teve o objetivo de graduar em primeira licenciatura 350 mil professores para atuar na Educação Básica e formar 250 mil professores em uma segunda licenciatura, que já tem uma licenciatura, mas estão ensinando uma matéria para a qual não foram formados. Ainda há 50 mil professores que ministram aulas na Educação Básica nacional, mas têm apenas uma graduação em bacharelado, não adequada para o trabalho docente. Esses também precisam de uma formação específica para sua atuação profissional. Esses dados nos indicam o desafio fundamental da Universidade em ser a promotora da elevação da qualidade de toda a Educação Pública no país.

Diferentemente do que muitos afirmam a atual Educação pública não está em decadência. A comparação com a escola de 50 anos atrás é incorreta, pois aquela escola era elitista e atendia apenas a menos de cinco por cento da população. Mais recentemente, com a criação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) observa-se uma melhora constante na sua avaliação: em 2001 o IDEB era de 3,5, em 2003 foi de 3,6, em 2005 alcançou 3,8, em 2007, 4,2 e em 2009 teve o patamar de 4,6, sendo que a média dos países que compõe a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) é de 6,0. No momento atual temos também a preparação da aprovação do novo Plano Nacional de Educação no Congresso (PNE). As duas casas legislativas (Câmara e Senado) já aprovaram que o investimento em Educação deve ser de 10% do PIB, sendo que hoje é de cerca de 6%. Apesar desses avanços, a qualidade da Educação depende muito de fatores distintos, como a formação inicial dos professores, a formação continuada durante a atuação profissional dos docentes, a introdução de novas metodologias de ensino, a busca por estratégias de ensino de Ciências de caráter mais experimental e que privilegiem a pesquisa na aprendizagem.

Nesse contexto, a produção científica brasileira, que muito bem tem sido divulgada pelos periódicos científicos, a exemplo da Revista de Ciências Médicas e Biológicas do Instituto de Ciências da Saúde, pode contribuir e muito para essa "inovação" na Educação. O contato de professores da Educação Básica com a pesquisa científica e a constante formação e atualização científica desses profissionais por meio da discussão de pesquisas realizadas e da inserção desses profissionais em novas pesquisas contribuem para a superação de uma forma de ensino ultrapassada, que vem colocando o Brasil nas últimas colocações em aprendizagens de ciências na avaliação do

PISA. O PISA é o Programa Internacional para a Avaliação de Alunos, uma proposta de avaliação promovida pela OCDE, uma entidade intergovernamental dos países industrializados que atua na promoção do desenvolvimento econômico e social dos seus membros. No PISA, além desses países, participaram também outros não pertencentes, que atuam como países convidados. A avaliação de 2006 teve a participação de 30 países membros da OCDE e de 27 convidados. Desses 57 países, seis eram latino-americanos: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Uruguai e México.

Nesse sentido, precisamos recuperar o ideário do educador Anísio Teixeira, que fundou e dirigiu a CAPES e a Universidade de Brasília, além de diversas outras instituições como a Universidade do Distrito Federal de 1935 e o Instituto de Pesquisas Educacionais do MEC, o INEP. Anísio preconizava a formação dos professores da Educação Básica com os recursos das instituições mais avançadas do país, defendia que a Educação deve ser democrática, e para ser democrática deve ser acessível a todos e de qualidade para todos. Essa qualidade é sistêmica, não se pode pensar num sistema que tem a Universidade com qualidade e excelência sem uma mesma excelência na Educação Básica, pois com certeza a Universidade sentirá os efeitos dessa baixa qualidade mais tarde no seu ensino e nas suas pesquisas. E a Universidade é a instituição que deve liderar e se comprometer com uma nova forma de ensino de Ciências, de caráter mais experimental e com o ensino orientado pela pesquisa.

Penildon Silva Filho

Professor Doutor em Educação - UFBA

Professor Adjunto - UFBA